

7. Vontade do Pai e familiaridade com Cristo

"Te louvo, Pai, Senhor do Céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e doutos e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, porque assim foi de Teu agrado, na Tua benevolência." (Mt 11,25-26)

Jesus descobre um detalhe de verdade e beleza em uma pessoa simples, em uma criança, uma pobre velhinha, e reconhece um reflexo, uma centelha de toda a verdade e beleza que preenche os Céus, que Ele e o Pai se escambiam desde a eternidade na comunhão do Espírito Santo, e, então reconhece que é o Pai, que na sua liberdade de amor e bondade, preparou para Ele este presente, este sinal de amor. E se alegra. Jesus já tem tudo, possui todo o universo e toda a verdade e beleza, que podem existir. E ainda assim, alegra-se com admiração ao deparar-se em um detalhe, em um reflexo insignificante. Por quê? Porque naquele reflexo vê a liberdade do Pai, toda a decisão do Pai, todo o amor do Pai que se derrama por Ele, em um detalhe.

É como se um patrão de uma loja internacional de orquídeas, voltando para casa, encontrasse em cima da mesa uma margaridinha do campo, que uma pessoa querida tivesse colocado. O dia todo viu belíssimas orquídeas, mas todas somente lhe falavam do lucro econômico que representava. Aquela margaridinha, ao invés, é carregada de uma decisão de amor gratuito, que a confere um valor incalculável e infinito.

Por isso, quando Jesus encontrava alguém que amava a vontade do Pai, não formalmente como os fariseus mas com todo o coração, imediatamente percebia que compartilhava com esta pessoa o que amava mais, o tesouro mais precioso de sua vida, e portanto sentia esta pessoa como sua amiga, familiar, indo além de qualquer laço sanguíneo.

Devemos pensar a isto quando S. Bento diz que "a obediência imediata (...) é dos que não estimam nada mais caro que Cristo" (RB 5,1-2). Porque obediência cristã significa compartilhar aquilo que era mais caro para Cristo: obediência à vontade do Pai. E assim, tendo o mais amado daquilo que é mais amado para Cristo, nos tornamos familiares de Cristo, nos tornamos amados ao próprio Cristo.

Não é uma questão de obedecer imediatamente para fazer as coisas bem, para que a vida do mosteiro funcione como um relógio suíço. Trata-se de participar da paixão de Jesus à vontade do Pai, de ser apaixonados pelo plano benevolente do Pai, que vem iluminar e tornar precioso este momento, gesto, este encontro que devo viver. Assim uma pessoa se apressa, não suporta esperar, pois no que lhe foi pedido, se cela e revela de imediato a liberdade de Deus, que nos envolve em seu plano, em sua realização. Então, cada gesto, mesmo banal, vivido com esta obediência, torna-se denso de infinito, como se à minha liberdade fosse concedido o poder de entrar, em um determinado momento, todo o desígnio do Deus Altíssimo, permitindo que se cumpra em tudo e para todos. O paradigma desta experiência é o "Eis-me aqui!" de Maria ao anjo, o *Fiat* da Virgem, que deixa entrar em si e no mundo inteiro, em toda a história, em toda a realidade o Filho de Deus e todo o desígnio benevolente do Pai.

Jesus diz: "Quem faz a vontade do meu Pai que está no céu, é para mim irmão, irmã e mãe." (Mt 12,50)

O primeiro significado desta frase é que ser familiares de Jesus, é a consequência da obediência à vontade do Pai. Mas creio que esta frase deveria ser entendida, também no sentido que a vontade do Pai é que sejamos irmãos, irmãs e mães de Jesus, familiares e amigos de Jesus.

É um ponto importante que devemos aprofundar, porque muitas vezes é pela não compreensão disto, que a obediência corre o risco de nos levar à deriva, distanciando-nos da vontade de Deus, mesmo querendo realiza-la ou quando pensamos estar realizando.

A familiaridade com Cristo é a vontade mais profunda do Pai. Deus quer que sejamos familiares do Filho ao ponto de nos tornarmos Seus filhos, em Jesus. A vontade do Pai é que todos os homens sejam associados ao Filho para a vida eterna, que todos entrem na vida eterna, na vida da Trindade, através da comunhão com o Filho, morto e ressuscitado. Cristo morreu e ressuscitou para cumprir a vontade misericordiosa do Pai, de salvar todos os homens no Corpo místico do Filho.

A vontade do Pai não é tanto a morte do Filho, mas que por esta, toda a humanidade possa associar-se à vida eterna do Filho, que é a comunhão com o Pai no Espírito Santo. O Pai quer a nossa comunhão filial Consigo, na forma de comunhão com o Filho. E unindo-nos ao Filho, o Pai nos une a si, pois ninguém é mais unido ao Pai que o Filho no Espírito Santo, ninguém é mais familiar ao Pai que o Filho, na comunhão do Espírito. A familiaridade com Jesus, a amizade com Cristo, tem esta espessura, esta profundidade ontológica, teológica e mística. Quanto mais estamos com Jesus mais nos tornamos filhos de Deus, e mais vivemos uma vida que não é apenas esta vida, mas a vida eterna.

São Paulo escreve no início da primeira carta aos Coríntios: "Deus é digno de fé, do qual fostes chamados à comunhão com seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor" (1Cor 1,9).

Esta frase sintetiza a vocação cristã. Somos *chamados*, o cristianismo é uma vocação, um chamado que nos alcança desde o Coração do Ser, desde a Origem de tudo e de todos: Deus Pai. É um chamado cuja resposta é acima de tudo a fé: "Digno de fé é Deus". Ter fé, significa ouvir um chamado, confiar em um chamado, um convite, uma proposta, uma hipótese a se verificar na vida, uma prova que permite verificar a verdade de Deus, a fidelidade de Deus, que Deus é verdadeiramente "digno de fé", que merece nossa confiança.

Mas que Deus é digno de confiança, que Deus mereça a minha confiança, devo verificar no âmbito que o seu chamado e proposta, define. Não verifico a fé se começo a quebrar minha cabeça para entender as verdades da fé, para entender os dogmas da fé. A verificação da fé, Deus nos propõe fazer no contexto em que realmente nos concede experimentar a sua fidelidade, seu amor, sua verdade em tudo e sobre tudo. Este contexto, Paulo define com uma única palavra e realidade: a comunhão, *koinonia*, a comunhão com Cristo.